

NOSSOS MESTRES

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



EDUCAÇÃO além dos limites

Ao longo de 38 anos de trabalho na Secretaria de Educação do DF, o professor de história José Gadelha formou uma legião de estudantes em escola de Ceilândia

» MARIANA NIEDERAUER

O professor José Gadelha Loureiro, 67 anos, é um historiador com raízes firmadas na filosofia e na sociologia. Ao longo de 38 anos de trabalho na Secretaria de Educação do DF, formou uma legião de estudantes também comprometidos com a construção de uma escola pública protagonista e que forma cidadãos aptos a exercerem seus direitos, e não apenas deixá-los registrados no papel.

Gadelha, como é conhecido, orgulha-se de ter participado da formação de juizes, advogados, servidores das forças de segurança e tantos outros profissionais, mas, principalmente, de professores. Ao menos dois deles atuam na Universidade de Brasília (UnB), nos departamentos de Línguas e de Sociologia. Outros voltaram para o Centro de Ensino Médio (CEM) 9 de Ceilândia e alçaram

até mesmo cargos de gestão na escola. “Eram meninos e meninas que entraram aqui na sétima série (hoje oitavo ano). Tivemos a oportunidade, em sala de aula, de mostrar a eles a importância da educação”, afirma.

Em sala de aula e nos anos que passou na direção da escola, Gadelha sempre se recusou a limitar a prática pedagógica e a rotular estudantes como incapazes de desenvolver qualquer tarefa que fosse. Para ele, essa é uma questão filosófica: a pergunta feita a uma criança, a um adolescente ou a um adulto pode ser a mesma, o que muda é o nível de exigência com relação à resposta. A partir daí, cabe ao professor guiar o caminho pelo aprendizado. “O problema é que criou-se um conceito de normalidade, de um certo grau de resposta, que nem sempre é compatível para todos os níveis de compreensão”, avalia o especialista em filosofia e sociologia.



Fazer, todo mundo diz que faz, mas encarar o dia a dia na escola pública é de uma complexidade enorme, porque a sociedade brasileira é muito desigual, e é na escola que todos os problemas sociais se concluem”

José Gadelha, professor

“Quantos alunos eu tive a oportunidade de colocar para ler além das possibilidades... Alguns, na época, diziam: ‘Você

é maluco! Esses meninos não têm nível’. Eu dizia: ‘Vamos na compreensão.’”E foi assim que, ainda na educação básica, os alunos do professor de história leram *Raízes do Brasil*, clássico de Sérgio Buarque de Holanda que interpreta o processo de formação da sociedade brasileira.

Para Gadelha, portanto, partir da realidade do aluno, como ensina Paulo Freire e outros pensadores da educação, é importante, mas não pode ser um limitador. “Sim, eu parto, mas no sentido de arrancar o aluno daquela realidade. No sentido de pegar aquela realidade e modificá-la, vê-la em perspectiva, e não ficar limitado àquela condição.”

A história do historiador

Natural de Limoeiro do Norte, no interior do Ceará, a cerca de 200km de Fortaleza, Gadelha veio para Brasília em 1977, aos 20

anos. Tinha completado apenas o ensino fundamental e, um ano depois, conseguiu concluir todas as provas do supletivo para receber o diploma do ensino médio.

No Nordeste, ele e os sete irmãos percorriam quilômetros a pé ou no lombo de um jegue para estudar. A distância se compara à do Condomínio Privê, em Ceilândia, a Taguatinga, como bem repara o professor. “Dá uma distância boa, para estudar, para ver as coisas. Eu me lembro que meu pai comprava pão e trazia aqueles embrulhos que a gente usava até para escrever. Ou trazia um jornal e a gente fazia como se estivesse narrando uma notícia”, recorda o professor. De Monteiro Lobato a José de Alencar, aos poucos os oito filhos iam embarcando no universo da literatura. “Uma coisa muito importante que os meus pais, que mal sabiam assinar o nome, fizeram era mostrar a relevância da leitura”, orgulha-se Gadelha.